

Fase crítica 21 AGO 1985 da dívida foi superada

NICHOLAS D. KRISTOF
NEW YORK TIMES

Nestes três anos transcorridos desde que a crise da dívida do Terceiro Mundo veio à tona já se conseguiu real progresso. Em função principalmente das medidas tomadas à beira do abismo, parece não haver perigo imediato de que o problema da dívida derrube os grandes bancos como pedras de domino.

Apesar disso, persistem imensas dificuldades. As renegociações de emergência fizeram com que o montante total do débito latino-americano, nos últimos três anos, crescesse, ao invés de diminuir. Os célticos, por esse motivo, contrapõem que os bancos apenas adiam o dia da admissão de que somente emprestando dinheiro novo para os países devedores estes conseguiram saldar os velhos débitos.

"Considerando todas as coisas horríveis que podiam ter acontecido — inadimplência do Brasil e México, quebras de bancos nos EUA e alhures, embargo das propriedades brasileiras e mexicanas —, creio que as maiores complicações foram evitadas", comentou Jorge I. Dominguez, professor de administração na Universidade de Harvard.

DOIS CENÁRIOS

Consideremos dois cenários, dos quais o primeiro é um sonho para os banqueiros, e o segundo um pesadelo:

Uma recuperação econômica nos Estados Unidos e na Europa reativa as economias latino-americanas, criando mercados para suas exportações. As taxas de juros batem. Os preços de produtos como açúcar, café e cobre sobem, permitindo que os países latino-americanos acumulem divisas em moeda estrangeira e possam pagar seus débitos mais facilmente. Pelo prazo de alguns anos os bancos permanecerão seguros quanto aos níveis de endividamento desses países.

No outro cenário, a economia dos países industrializados entra em estagnação e cresce o protecionismo, fechando mercados aos países latino-americanos. As taxas de juros sobem. Os sindicatos e os pobres cansam-se da austeridade, as cidades brasileiras entram em convulsão e os tumultos expandem-se para outros países. Os governantes do Brasil, do México e da Argentina anunciam em conjunto que até ser achada uma solução definitiva para o problema, eles destinariam apenas 10% do resultado de suas exportações para o pagamento da dívida externa.

É difícil predizer qual cenário prevalecerá, em face dos fatores econômicos e sociais envolvidos.

Um fato consumado é que hoje muitos países latino-americanos obtêm superávits na balança comercial, a fim de conseguir divisas para o pagamento da dívida. No último ano, Brasil, México e Argentina al-

cançaram um excedente conjunto de mais de US\$ 30 bilhões, contra um déficit de US\$ 2,6 bilhões em 1981. Há temor generalizado de que esses devedores formem um cartel para ditar condições de pagamento aos bancos.

Muitos dos novos governantes da América Latina aproximam-se de entidades multilaterais como o FMI, o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento, os quais tendem a conceder vencimentos mais longos e taxas de juros menores que os bancos comerciais. Mas isso faz crescer o endividamento desses países. Por isso, alguns banqueiros consideram que têm de ser introduzidas novas fontes de capital ou aplicados outros mecanismos para solucionar o problema da dívida.